

Peixe: **PIRARARA**



A ESPÉCIE

A pirarara, ou peixe arara (devido ao seu rabo vermelho e suas cores vibrantes) é um peixe que frequenta os mesmos pesqueiros da piraíba, do jaú e dos grandes bagres em geral, qual seja, em poços do rio.

Além desse pesqueiro, margens com troncos caídos e pedrais também são habitats deste peixe que alcança mais de 50 kgs de pura força bruta. Suas corridas muitas vezes esvaziam mais de trinta metros de linha da carretilha ou molinete, e, se

forem em direção aos enroscos e tranqueiras é porque os exemplares fígados são pequenos (até 20 kgs).



Já se correrem para o maio do rio, pode se preparar pois serão exemplares grandes, que conscientes de sua força brigarão “no limpo” até cansarem, quanto então tentarão retornar para os enroscos e caberá ao pescador evitar tal retorno sob pena de romper a linha em paus e pedras e perder o peixe. As fígadas com anzóis tipo J

devem ser figuras e confirmadas mais de uma vez ao final das duas ou três primeiras corridas.



Nesta pescaria o guia/piloteiro só soltará o barco para retirar o peixe de enroscos, usualmente permanecendo apoiado durante toda a briga com o espécime.



Com as fortes corridas do peixe, que desafiam o equipamento muitos pescadores não hesitam em colocar o dedo no carretel, e para evitar queimados no náilon, quando visos peixes como ele enrolo o dedão com esparadrapo ou no mínimo band-aids, minimizando o atrito e os danos.



Tanto quanto com a piraíba, o pescador deverá tomar cuidado quando o peixe se aproxima do barco, pois tentará passar por debaixo dele e atritar a linha no casco ganhando a liberdade.

Para evitar tal manobra o pescador deverá enfiar a vara na água (somente pouco mais de 60 cm) e ficar posicionado na proa do barco (bico do barco) podendo passar de um lado para o outro, acompanhando o peixe fisgado em suas corridas.

As pirararas, tal qual os demais grandes bagres, possuem uma lixa no interior de sua boca (placa dentígera) que somada a sua grande força as torna adversárias

poderosas a tudo que ela vier a abocanhar, inclusive a mão sem luvas de um pescador mais afoito para embarcá-la.



A título de curiosidade, os índios das bacias hidrográficas onde habitam não comem sua carne, pois dizem que causa feridas na pele, e que os grandes exemplares capturam e afogam as pessoas que ousam atravessar nadando seus domínios.



Há, inclusive, um relato dos famosos indigenistas irmãos VILLAS BOAS que presenciaram um índio que era exímio nadador se afogando após cruzar todo o curso d'água, quase quando alcançava a margem oposta, e que após afundar pela primeira vez, voltou ainda uma vez mais à tona, e gritou “PIRARARA” antes de se perder definitivamente nas águas do rio.



ISCA – A pirarara também se alimenta preferencialmente de peixes, mas podem atacar também carcaças em decomposição. As iscas podem ser oferecidas inteiras ou em pedaços (toletes), aceitando bem desde candirus-açus, até mandubés, pias cabeça gorda (verdadeiros) ou três pintas, curimbas, cachorras e bicudas, Em rios como o Araguaia, com muita incidência de piranhas, são elas próprias as melhores iscas, pois por terem escamas iguais a uma armadura mesmo atacadas em canibalismo pelas outras no rio, demoram mais para serem consumidas e com isso temos mais tempo para que haja o ataque das pirararas. Aliás, os guias pilotos da região de Luciara me informaram que o próprio movimento de ataque das iscas pelas piranhas atraem de longe a pirarara predadora. Assim, quando estamos

sentindo a isca de piranha sendo devorada pelas piranhas do rio, e o movimento cessa de imediato, deve-se aguardar alguns minutos pois pode ter sido a presença da pirarara que interrompeu o canibalismo, e, neste caso o ataque pode ser iminente. Para iscas as piranhas uma das melhores formas são com o anzol entrando pela boca e saindo pelo topo da cabeça, ou entrando por um olho e saindo pelo outro. Por outro lado, na Pousada Salto do Thaimaçu, o guia Vavá utiliza a piranha iscada desta forma, e os resultados são ótimos.



ANZÓIS – 10/0, 12/0, com encastamento de aço rígido ou cabo de aço encapado, de – ao menos – 100 libras de resistência.

Se for usar snap (grampo) da mesma forma que para as piraíbas sugerimos retorcê-lo com alicate para aumentar-lhe a resistência. Se for tipo J, a fígada deverá ser violenta e sujeita a confirmada.

Se o anzol utilizado for do tipo circular o pescador não deverá fisgar: tão somente deverá manter a linha tensa quando o peixe puxar, o que fará com que o anzol se prenda no canto da boca do espécime (canivete, ou junção da maxila inferior com a superior) sem riscos de ser engolido pelo peixe.

DISTORCEDOR – de preferência com rolamentos, amarrados diretamente na linha com um nó confiável – que quanto mais exigido mais apertado fique. Pode também ser utilizado distorcedor grande dos modelos convencionais. Sugiro que, ao unir o snap ao distorcedor seja colocado uma argola de inox de chaveiro no olho do mesmo, de forma que, se com a fisgada violenta a isca se deslocar pelo encastor, ela fique retida antes de chegar à linha (o que, se ocorresse poderia acarretar um rompimento de linha mordida por piranhas ao atacar a isca).



LINHA (fator mais importante: **qualidade com resistência à abrasão**)

MONOFILAMENTO – As linhas de monofilamento são ideais pelo hábito das pirararas de buscar um enrosco ou pedral mais cedo ou mais tarde. Assim, ainda que o equipamento tenha menos linha, esta deve ser mais forte e resistente ao atrito com paus e pedras, sendo aconselhada a de 0,92 mm ou mais, para molinete carretilha de perfil alto, da categoria dos pesados, como por exemplo a carretilha Shimano Tekota 600 ou 700, ou similar e os molinetes usualmente utilizados em pesca marítima. Devem conter no mínimo 120 metros de linha para suportar uma

primeira grande corrida, com corridas cada vez menores até se cansar, sendo um peixe forte mas com fôlego para no máximo cinco arrancadas. Poucas vezes é necessária a soltura do barco pelo guia e o motor só é ligado se for necessário desentocar o espécime ou se o exemplar correr diretamente para o caudal do rio, pois se assim agir será certamente um dos grandes !



MULTIFILAMENTO - As linhas de multifilamento tem, neste tipo de pescaria pesada, mais desvantagens que méritos, e por isso, só deve ser utilizada em caso de uma oportunidade surgida sem o equipamento aconselhável, e aí, no improvisado,

escolha linhas de 100 libras ou mais de resistência, com um líder de no mínimo 03 metros de linha monofilamento trançada da espessura de 70 mm (correspondente a 140 mm de resistência)



BÓIAS – Normalmente as pirararas atacam as iscas no fundo, mas podem excepcionalmente fisgar na bóia também.

Tente primeiro fisgá-la no poço, e com isca de fundo, no entardecer tente com bóia próximo a raseiras e bicos de praia, pois nestas situações pode ser que uma encrenca de grande porte traga a drenalina desejada ao pescador.

Isca de peixe inteiro, podendo ser piau, piranha, jacundá ou traíra. Em locais com muitas piranhas, a própria piranha é a melhor isca por durar mais no anzol.

CINTO DE BRIGA – Também chamado de cinto de apoio de vara, deverá ser utilizado pelo pescador, pois sem tal suporte, provavelmente ele forçará o cabo da vara em seu abdômen, o que poderá lhe render graves contusões e dores durante a

pescaria pesada da espécie. Existem modelos mais cômodos e anatômicos em couro, e mais reforçados em material plástico com partes metálicas, inclusive.



REGULAGEM DE FRICÇÃO – A fricção da carretilha ou molinete deverá ser ajustada bem fechada, pois o peixe normalmente tentará ir direto ao enrosco após ser fisgado.

No rio Negro, em cada árvore caída sempre existia uma pirarara moradora, mas se o barco não for imediatamente puxado para o meio do rio, compensando a linha que ela mesmo com o equipamento arrocado tomará, ela romperá a linha nas galhadas.

E, segure firme a vara após o lançamento, de preferência usando luvas anti-derrapantes pois qualquer descuido e tudo lhe será arrancado das mãos e mergulhará nas águas do rio, sejam elas barrentas ou negras.

LOCAIS E ÉPOCAS DE PESCA

Na bacia amazônica a melhor época é a das cheias, nos rios Teles Pires, Aripuanã e Roosevelt, por exemplo, em locais onde na seca são formadas praias ou grandes e profundos rebojos, bicos de praias e bocas de rios menores.



Na época da seca na região do Araguaia e Xingu, seu habitat preferido são os poços profundos e Embaixo de vegetação das margens, entre troncos caídos, ou pedrais.



MEUS LOCAIS PREFERIDOS PARA A ESPÉCIE: Rio Negro (Barcelos/AM) – Barco Hotel Kalua, Rio Aripuanã – Pousada Pirá-Açu, Rio São Benedito, Ilha Mexiana, no Arquipélago do Marajó e Rio Xingu/PA.

A BRIGA – Normalmente se a fígada não ocorrer nos primeiros 15 a 20 minutos, mude de ponto de pesca.

Conforme já informado esta espécie briga sujo correndo na maioria das vezes para o enrosco com grande força e violência, mas não tem muita resistência.

Quando chegar ao local escolhido pelo guia, o pescador deverá arremessar a isca pois até o barulho da isca na água serve para atrair o peixe. Em caso de incidência de botos ao local, tente a estratégia inversa de não fazer barulho e deixar que a isca atraia o predador pelo odor. O barco será amarrado a um galão da própria árvore caída ou aguapé e a fisgada deverá ser forte, e quando o peixe retesar a linha deverá ser confirmada de forma igualmente violenta, para cravar o anzol tipo J na boca do peixe. Segure firme a vara e agüente a primeira corrida (que em alguns casos costuma ser de mais de quarenta metros), aproveitando cada descanso do peixe para ir recolhendo devagar mas continuamente, não dando ao peixe espaço para se refugiar nas galhadas e tranqueiras. Se o peixe for grande a a linha estiver rapidamente esvaziando o carretel, avise ao guia, para soltar o barco. Utilize o cinto de briga e após o peixe ser embarcado não o coloque na posição vertical além do tempo necessário para poucas fotos, logo o retornando à horizontal (evitando danos em seus órgãos internos). É peixe resistente fora d'água mas não prolongue em demasia suas recordações e filmagens e, se o rio tiver muitos botos, solte o peixe perto de uma raseira arborizada para que ele possa descansar sem ser atacado pelos mamíferos.

